

QUANDO EU INVENTO AS COISAS

Monica Silvestri¹

RESUMO

As crianças e suas formas de brincar são o meu foco. Potencializo sua singularidade e nelas reconheço o engendramento experiência-criatividade. Reúno imagens com as quais exploro as redes de significação tecidas nesse engendramento, que tem a criança como fazedora de uma cultura que precisa ser compreendida. Encontro as crianças como *achaduras* daquilo que nos escapa como adultos - seres sem jeito de perceber, de fato, a riqueza da *experiência*.

Palavras-chave: Criança; Brinquedo; Experiência; Criatividade

CUANDO YO INVENTO LAS COSAS

RESUMEN

Mi foco son los niños y sus formas de jugar. Potencializo su singularidad y en ellos reconozco el engendramiento experiencia-creatividad. Reúno imágenes con las que exploro las redes de significación tejidas en ese engendramiento, que tiene al niño como hacedor de una cultura que necesita ser comprendida. Veo a los niños como *encontradores* de aquello que se nos escapa como adultos - seres sin forma de percibir, de hecho, la riqueza de la *experiencia*.

Palabras-clave: Niño; Juguete; Experiencia; Creatividad

¹ Doutora em Educação, professora da Universidade Federal Fluminense, coordenadora do CABE - Centro de Aprendizagens Pesquisa e Extensão Cultural, Arte e Brinquedo em Educação. (21) 8712-1088, mlsrio@uol.com.br

QUANDO EU INVENTO AS COISAS

Monica Silvestri

Habita em mim um inesgotável campo de significações, nascido nas experiências que vamos tecendo - eu e as crianças - em nossos encontros nas pesquisas, nos trabalhos extensionistas e em outros momentos que desafiam os tempos e lugares confortáveis e comumente demarcados para as pesquisas com criançasⁱ.

O exercício de pensar com a criança tem me tornado uma pessoa melhor. Se ele é *espaçotempo* que abriga inquietações e medo é, ao mesmo tempo, força que afirma experimentações e resistências, pois olhar as crianças, estar com elas, pesquisar com elas, aprender com elas e com elas, também, sonhar, criar, inventar, experimentar *deslimites*ⁱⁱ faz estremecer meu lugar adulto, faz meu pensamento exclamar como exclama o de Deleuze

A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele uma série de rajadas e abalos (...) é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio (Deleuze, 1992, p. 106).

O título deste texto, que traz a fala da criança faz turbilhar o pensamento e nos convida à *experiência*. Uma posição que não se resume a uma simples escolha é uma opção teórico-metodológica, pois exige paixão, exige o exercício de uma sensibilidade que mobiliza uma razão ampliada no sentido benjaminiano do termo, que envolve a intuição, a imaginação na construção de um saber prático, que é teórico também, e que só a *experiência* das crianças anuncia/forja.

Definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação. A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber

científico e do saber da informação, e de uma praxis distinta daquela da técnica e do trabalho. O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. (LARROSA, 2002, p. 26)

Em meus encontros com as crianças elas são protagonistas e isso tem sido uma das coisas que tenho feito de melhor na minha vida. Sigo com elas caminhos *desviantes* e, a cada passo dado, vivo a tensão permanente inesperado/esperado. Exercício de dessegregar diferentes percursos afirmando-os como engendramento de formas de pensar e fazer que me conduza a outras inteligibilidades.

Quando afirmo os caminhos *desviantes*, afirmo especialmente o exercício de pensar com a criança o inesgotável campo de significações que nascem de suas/nossas experiências, o exercício de perceber o inusitado, aquilo que pulsa e que metodologicamente Benjamin chama de desvio. Ao optar pelo *desvio*ⁱⁱⁱ como método de investigação abandono campos empíricos previamente demarcados e abro mão das zonas de segurança a que Benjamin se refere.

...todo conhecimento deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. É a marca imperceptível da autenticidade que os distingue de todos os objetos em série fabricados segundo um padrão. (BENJAMIN, 1993, P. 264)

Quando inicio esse texto com essas afirmações pretendo firmar uma posição e assumir a perspectiva de inacabamento própria daqueles que aceitam o desafio de recriar e refazer muitas respostas elaboradas ao longo da história. Refazê-las, pela *experiência* com as crianças. Não se trata, portanto, da infantilização da ciência, ainda que a imprevisibilidade e a incerteza sejam companheiras. Afirmo o que aprendo com as crianças sobre as crianças e, porque não dizer, sobre ciência. A fala de uma das crianças da

pesquisa revela esses vôos de aprendizagem: *“quando eu invento as coisas é a minha imaginação que faz eu inventar... é a minha cabeça que sai de um lugar e vai pra outro.”*

Ao buscar compreender suas experiências abraço o inusitado, os *desvios* que subvertem padrões, pois são eles que apontam a riqueza de diferentes caminhos; são eles os saltos possíveis sobre as escorregadas previsíveis da razão.

Assim como Freire (1993), que nos convida à aventura de livres vôos, aposto na imaginação, na criatividade...

É necessário que a professora ou o professor deixem voar criadoramente sua imaginação (...). A imaginação ajuda a curiosidade e a inventividade da mesma forma como aguça a aventura, sem o que não criamos. A imaginação naturalmente livre, voando ou andando ou correndo livre. No uso dos movimentos do corpo, na dança, no ritmo, no desenho, na escrita, desde o momento mesmo em que a escrita é pré-escrita - é garatuja. Na oralidade, na repetição dos contos que se reproduzem dentro de sua cultura. A imaginação que nos leva a sonhos possíveis ou impossíveis é necessária sempre. É preciso estimular a imaginação dos educandos (...). Por que não enfatizar o direito a imaginar, sonhar e brigar pelo sonho? Por que a imaginação que se entrega ao sonho possível e necessário da liberdade tem de se enfrentar com as forças reacionárias para quem a liberdade lhes pertence como direito exclusivo? (p. 70-71)

Acredito que o lócus da autoria está mesmo na criança - nos homens e nas mulheres -, naqueles que são restringidos pelas categorias e controles do mundo burguês. Portanto, essa criança enquanto vive suas experiências deixa marcas de uma autenticidade revolucionária que é evidencia na sua autoria ao forjar valores emancipatórios.

A criança como um ser produtor de história está na origem do brinquedo, seus jogos recebem a marca das gerações anteriores, pois as crianças usam a sua maneira o universo material e simbólico que encontram. Seus jogos podem ser percebidos como configurações coletivas, entremeando gerações: o brinquedo não narra histórias apenas em sua

origem, em seus rastros, a brincadeira como origem, evoca aura da criação - *Pois é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos [...] justamente através desses ritmos que tornamos senhores de nós mesmos* (Benjamin 1996: 253).

A brincadeira confere à infância a dimensão original do humano: a manipulação, a linguagem, os ritmos convidam quem chega a entrar no jogo e apresentam o rito (hábitos), a conjugação de tempos aion (o brincar) e cronos (o calendário ritualizado e estruturado) e assegura a continuidade da história^{iv}.

As crianças e as coisas que elas inventam

As *experiências* das crianças são interessantemente ricas. Se concretizam em uma perspectiva de autoria, aqui entendida como uma proposta original, que é também *estéticopolítica*, de erigir novas formas de relação social que nos desaproxima das aparelhagens e conteúdos burgueses. Os brinquedos criados e confeccionados com “trastes” ou, se usarmos uma expressão benjaminiana, “com o lixo da história”, são aqueles que subvertem a idéia de valor de troca e se colocam como alternativa às condições capitalistas de exploração do trabalho.

Esses brinquedos^v criados com reaproveitamento de materiais, construídos pelas mãozinhas das crianças com sobras, são, de fato, um caminho para se fazer outra história, descompor discursos legitimados, já que fazem valer a voz da criança e recuperam possibilidades de expressão cristalizadas na/pela sociedade capitalista. Ao contrário, se constituem em espaços próprios do brincar, em outras palavras, entendo que o percurso de criação, escolha de materiais e confecção dos brinquedos representa a própria brincadeira.

... crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos

detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas (BENJAMIN, 2001, p. 103-104).

Walter Benjamin fala da criança que brinca e cria seus brinquedos, que são *tanto mais verdadeiros quanto menos dizem aos adultos*. Em outras palavras, são brinquedos que não perdem seu caráter de objetos de brincar, pois a criança *quer brincar com areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou policial* (idem p. 108-109) ou, simplesmente, coloca um chapéu e se torna motorista. Sem falar das construções feitas com papelão e outros materiais, que vão ganhando vida e sentido nas mãos das crianças. Benjamin também evidencia o fascínio das crianças por coisas insignificantes as quais, Barros (2001), no poema, chama de traste. Ele diz: *Meu desagero é de ser fascinado por trastes*. (p. 53).

As crianças vivem esse fascínio e adoram os restinhos, as coisas insignificantes. Com eles são capazes de (re)inventar o mundo. Os trastes que Barros menciona são, igualmente, importantes para as crianças e extremamente considerados por elas. O poeta busca nos resíduos, as sobras da sociedade capitalista, tudo aquilo que é deixado de lado, e inverte esse sentido, pois atribui ao que é tido como lixo outro sentido e significado, que se distancia daquilo que é valorizado por possuir valor de troca. Ele diz: *É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo. O ser que na sociedade é chutado como uma barata - cresce de importância para o meu olho* (BARROS, 2001, p. 27).

As crianças apropriam-se das coisas do mundo atribuindo-lhes significados e, desta forma, se constituíam sujeitos sociais ao tempo em que vão formando suas individualidades. Se entendermos que a cultura é uma forma de expressar vida, compreendemos que as crianças produzem uma cultura plural e ao mesmo tempo singular, pois expressam um modo muito particular (próprio das crianças) de *apreender viver pensar produzir* o mundo

– o seu mundo -, plural, pois são as diferentes redes de significação que tecem esses diferentes modos das crianças viverem suas infâncias.

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p.15).

É assim que precisamos compreender as crianças e as suas culturas, nas redes de significação que são constituídas a partir de suas *experiências*. Vejamos o que elas nos dizem... Vale, antes de tudo, deixar claro que os contextos que abrigam essas experiências são distintos, envolvem crianças de faixas etárias e níveis de escolaridade também distintos e se deram, como mencionei no início deste texto, em atividades de pesquisa, extensão e outros contextos não convencionais^{vi}.

“O carro que eu inventei trabalha para mim”



Pano de fundo: escola de São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, eu, as crianças e algumas alunas do Curso de Pedagogia da UFF em meio a uma oficina de criação de brinquedos feitos com reaproveitamento de lixo. Vários objetos disponibilizados, como: garrafas pet, papelão, retalhos de tecido, entre outros materiais reaproveitáveis, crianças em alvoroço, planejavam, combinavam entre si o que iriam construir, testavam alguns materiais, trocavam outros e conversavam sobre o que estavam fazendo. Fabiano, um menino catador de lixo, retirado do trabalho infantil pelo PETI, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, ao criar seu brinquedo, expressa sua experiência (na imagem abaixo vemos Fabiano e seu carro).

- *Eu inventei um carro que tem roda grande para andar em todo lugar que é assim alto e baixo. Eu fico no alto, no banco alto e fico olhando as latas*

e as outras coisas lá de cima. Aí o carro, ele chupa as latas pra dentro e amassa logo elas. Eu dirijo o carro e ele trabalha pra mim, minha mão só fica na direção.

O que pulsa? O simbolismo e a materialidade das imagens expressas pela fala da criança e revelada nas relações atuais entre os indivíduos, que às vezes não conhecemos, denotam estilos de experiência e comunicabilidade que não podem ser ignorados. Assim, podemos compreender a imbricada trama que une experiência e criatividade.

“Mário, um herói gordo e pequeno”

Pano de fundo: As crianças falavam sobre heróis. Em maio às conversas sobre o Batman, o Homem Aranha, e outros heróis, foram convidadas pela professora a criarem um herói. João Vitor um dos meninos do 3º ano desenhou e escreveu a história de um herói diferente, (a imagem do herói pode ser vista ao lado).

- O Mário herói tem o poder da água. Ele tem um cordão no pescoço que ele usa pra se defender. Esse cordão tem um botão que ele liga e aí começa a soltar água. Ele tem poder de voar e de salvar pessoas em perigo de incêndio. Ele é gordo, pequeno e bem normal. Um dia, um vilão queria pegar o Mário porque ele estava salvando as pessoas, nesse dia ele não conseguiu pegar o Mário, só depois ele conseguiu, aí quando ele pegou, colocou o Mário em uma cadeira elétrica, mas o Mário conseguiu desligar tudo e foi embora salvando as pessoas. Ele entrou na cidade da mata que estava sem energia em uma das casas. Neste momento começou a pegar fogo em tudo. Aí o Mário salvou os moradores apagando o fogo com suas mãos que soltam água. Todos se salvaram. Fim da história!



O que pulsa? A formação dos sujeitos é um processo de negociação permanente e dinâmico que ocorre durante todo o percurso de nossa existência, num diálogo complexo e tenso entre nossas experiências e o

conjunto de normas sociais. O que pulsa está em perceber os valores e referenciais que fazem parte do momento histórico e de que forma dialogamos com eles.

“O corpo humano”

Pano de fundo: sala de aula, aula de ciências para o 3º ano do Ensino Fundamental. Assunto: corpo humano. Sala repleta de crianças, professora falando sobre o coração, sua forma e função. No fundo da sala, enquanto copiam do quadro os desenhos e textos sobre o tema, as crianças dialogam:

- *Não dá pra entender a forma do coração, aqui no livro é chata, lisa igual papel.* (Alexandra)
- *Mas ela (a professora) tá dizendo que é assim (tentou fazer com o dedo a forma do coração, como no livro)* (Ana Julia)
- *Mas não dá pra ver como é mesmo. Todo mundo sabe que coração é assim, mas ninguém vê de verdade.* (Alexandra)
- *Num dá pra vê de verdade, né? Só se abrir um morto, porque a gente não vai matar ninguém só pra ver o coração.* (Ana Julia)
- *Não, né! Mas a gente podia ver um. Se tivesse um coração pra vê eu ia era querer pegar com a mão.* (Alexandra)
- *que horas são?* (Carlos Vitor)
- *Porque quer saber a hora?* (Dayane)
- *Quero ir pro recreio.* (Carlos Vitor)
- *Copia logo!* (Dayane)
- *Não quero!* (Carlos Vitor)
- *Minha mãe pintou minha unha...* (Jassiene)
- *Sabe aquele Rodrigo? Ele vai fazer um time depois da aula na quadra. Já falou com o Antonio que vai liberar a quadra.* (Carlos Vitor dirigindo-se a Hugo)
- *Já copiaram tudo? Tou ouvindo muito barulho. É preciso fazer silêncio para aprender e copiar certinho.* (professora)

Pulsção: As crianças são invisibilizadas em suas formas de aprender, ser e estar no mundo, ou melhor, na escola. O que de fato é uma criança aprendente na escola? Como trabalhar com as crianças sem esmagar sua curiosidade, sua imaginação, seus movimentos próprios, legitimando aquilo que só elas têm - infâncias?

“As coisas que a gente tem assim no corpo da gente”

Pano de fundo: conversa com as crianças sobre a aula de ciências do dia anterior.

- O que é corpo humano?
- *É as coisas que a gente tem assim no corpo da gente?* (Jhenifer)
- Coisas?
- *Assim tipo, perna, braço, fígado. Minha mãe tem problema de fígado, aí ela vomita.* (Jhenifer)
- *Meu avô tem urina solta.* (João Marcos)
- *A minha mãe tem palpitação (sic) de coração.* (Leonan)

Outras crianças deram seus depoimentos relacionando alguns órgãos a problemas de saúde vividos em seus cotidianos familiares.

- Como a gente pode conhecer o corpo humano?
- *Aqui na escola a gente olha o livro e escreve.* (Willeny)
- Tem outro o jeito?

Silêncio geral. Depois de algum tempo, um menino arrisca:

- a gente conhece no pensamento e na mão. (Kayo)

A conversa com as crianças se desdobrou. A idéia de “*conhecer com o pensamento e com a mão*” foi assumindo contornos diferenciados que passaram pela impossibilidade de tocarmos órgãos verdadeiros, pelos livros que não mostravam direito a forma das coisas, lá as coisas “*são achatadas*” e o coração “*não é assim lisinho fino*”, até chegarmos à idéia de fazermos “*bonecos do nosso jeito*”..

Pano de fundo: Pátio de escola. Tarefas foram divididas, materiais foram coletados e espalhados no chão (caixas de papelão, retalhos, embalagens plásticas diversas, cola, pincéis, tinta...). Tema: o corpo humano e 3D.

- *tia o que é 3D?*

- *é como nós somos. Roliços e não achatados como folha de papel. Nós temos volume.*

- *já sei como vou fazer o meu!* (Bruna)

- *tou usando essa garrafa, mas ela é dura e meu braço é mole.* (Denis)

- *e se você fizer com pano?*

Enquanto faziam seus bonecos e pensavam nos materiais, as crianças conheciam o corpo humano, pensavam em proporções, dimensões... (um dos bonecos criados pode ser visto na imagem ao lado).

- *o intestino tem 12 metros, como cabe dentro da gente?* (Felipe)

- *o coração não é como no desenho, assim com aquela forma.* (Maysa)

- *eu olhei na internet do cyber e vi o fígado e a vesícula. Na vesícula dá pedra, sabia?* (Daniel)



O que pulsa? Pensamos naquelas crianças, como?

Infante é aquele que não fala tudo, não sabe tudo, não pensa tudo. Aquele que, como Heráclito, Sócrates, Rancière e Deleuze, não pensa o que todo mundo pensa, não sabe o que todo mundo sabe, não fala o que todo mundo fala. Aquele que não pensa o que já foi pensado, o que “há que pensar”. É aquele que pensa de novo, e faz pensar de novo. Cada vez pela primeira vez. O mundo não é o que pensamos. Nossa “história” está inacabada. A experiência está aberta. Nessa mesma medida somos seres da linguagem, de história, de experiência. E de infância. (KOHAN, 2003p. 246)

Para as crianças o criar se manifesta em um movimento dinâmico de “destruição” da realidade tal como ela se apresenta. No caso do menino catador de lixo, que para se ver livre do contato com o lixo e ter sua atividade de catador facilitada inventa, cria um carro e, portanto, se coloca e um novo lugar, o de sujeito em relação ao mundo que o cerca. Inventar, produzir uma novidade, gerar uma nova forma de se relacionar com o mundo é, assim, superar os limites daquilo que se apresentava como possibilidade única - colocar a mão no lixo -, e ir além, é arriscar-se em busca de superação do que até então se apresentava como verdade última, como coisa imutável.

Criar é como um explosivo e a cada vez que se detona um explosivo tem-se a potência, que, a contrapelo de um contexto social que prioriza o individualismo e a padronização da pluralidade ao partir de dimensão criativa, resulta numa relação diferenciada com a realidade (Deleuze 1999). Como? Potencializando a relação entre os conteúdos criativos e a experiência, pois a relação de mediação entre o sujeito e a realidade tal qual se apresenta abre espaço para uma outra relação, a do real reificado, que inclui, sim, as coisas que a gente inventa.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Manoel de. *O apanhador de desperdícios*. In. PINTO, Manuel da Costa. *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- BENJAMIN, Walter *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Iluminuras, 1993.
- _____. *Reflexões Sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34 Letras, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. SP: Guanabara Koogan, 1989.

KOHAN, W. O. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. jan-abr, número 19. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Bras, 2002.

SILVESTRI, Monica. *Criança, brinquedo e professorasbrinquedistas: experiências e deslimites ontemhoje*. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Educação - UFF. Niterói, 2010.

ⁱ Em minhas pesquisas com as crianças tenho optado por seguir um rumo teórico metodológico diferente. As pesquisas que venho realizando com as crianças tem significado ruptura, transgressão e abandono de caminhos já trilhados, portanto, a busca por caminhos desviantes que muitas vezes tem-me “obrigado” a seguir seus rastros, a rever visões aprisionadas e não seguir os aportes metodológicos normalmente considerados “confiáveis” e seguros. As pesquisa me tem me levado a busca de uma epistemologia da infância que no fazer pesquisador com as crianças procura a ruptura de monoculturas, e me levam a compreender as crianças e suas infâncias fora de uma relação verticalizada de saber poder. Vou onde as crianças estão e com as crianças construo significados outros de pesquisa por acreditar que pesquisar com crianças exige formas de abordagens não planejadas, não prescritas, feitas de contra-senso, desviantes.

ⁱⁱ Uso o termo deslimite me apropriando da idéia que Barros nos transmite ao usá-lo. Qual seja: os deslimites de Barros possuem caráter de processo, processo de perda dos limites da linguagem representativa, de perda dos limites utilitaristas que as ações interessadas sobre as coisas transformam em hábito.

ⁱⁱⁱ A esse respeito ver Silvestri, Monica. *Crianças, brinquedos e professoras brinquedistas: experiências e deslimites ontemhoje*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da UFF, 2010.

^{iv} A esse respeito ver PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal e ALVES, Luciana Pires. *Injustiças Cognitivas: ressignificando os conceitos de cognição, aprendizagem e saberes no cotidiano escolar. Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro. FAPERJ, 2009, p.12

^v Vale enfatizar, que diferentemente do que muitos podem pensar os brinquedos feitos com lixo não são uma solução desrespeitosa para a carência, isto é, a falta de acesso aos brinquedos produzidos pela indústria - muitas vezes, considerados como modelos representativos de brinquedo ideal -, nem podem ser vistos como o descompromisso por parte de autoridades no que diz respeito aos investimentos necessários para a infância.

^{vi} O projeto de pesquisa do qual retiro algumas experiências para este texto é: “Papelão botão e grão de feijão: ressignificando o brincar no Ensino Fundamental. Ele tem como objetivo buscar compreender as experiências das crianças tecidas em desvios, que evidenciam suas ressignificações sociais/culturais cotidianas, aquelas que as conectam com os espaços/tempos reduzidos do brincar no Ensino Fundamental. Outro projeto também de pesquisa, desenvolvido com o apoio da FAPERJ é “Do jeito que a gente conhece”, a relação brincar-conhecer no ensino fundamental a partir das experiências das crianças tem como foco principal: investigar o jeito singular e único que elas têm de conhecer, suas lógicas operatórias, os movimentos que imputam ou não quando (des)praticam normas próprias do

conhecer na escola. O projeto de extensão: “papelão, botão e grão de feijão: coisas de brinquedos feitos à mão” visa a socialização de saberes e fazeres e o intercâmbio de experiências teórico-prático-teóricas relacionadas ao brincar na educação, promovendo oficinas de criação de brinquedos feitos com reaproveitamento de materiais, durante as quais a reflexão e produção de novas idéias sobre aprendizagens vão se configurando sob as mais diferentes formas, ora bonecos, ora órgãos do corpo humano, ora mapas. Outros projetos com crianças são realizados em Atividades e Pesquisa e Prática Pedagógica, que são dois componentes curriculares do Curso de Pedagogia da Universidade federal Fluminense, que permitem ao grupo de alunos da UFF e professores envolvidos elaborar proposta própria de trabalho articulando a pesquisa e prática pedagógicas durante o semestre letivo. Como as atividades de pesquisa e extensão vêm se dando desde 2005, várias turmas de alunos já participaram dos projetos e proposta de trabalho. Vale ressaltar, que esta é uma iniciativa que vem dando certo e tem proporcionado, de fato, para além da materialização da tríade ensino-pesquisa-extensão, experiências ricas sobre as crianças, o brincar na escola, e formas alternativas de aprendizagens.